

UNIVERSIDADE FEDERAL DE MATO GROSSO
FACULDADE DE COMUNICAÇÃO E ARTES
DEPARTAMENTO DE COMUNICAÇÃO SOCIAL

ANA PAULA DOS SANTOS
JULIA OVIEDO

JORNALISMO PARTICIPATIVO, A VEZ E A VOZ DO CIDADÃO: PROJETO
EXPERIMENTAL EM GRANDE REPORTAGEM

CUIABÁ
2016

UNIVERSIDADE FEDERAL DE MATO GROSSO
FACULDADE DE COMUNICAÇÃO E ARTES
DEPARTAMENTO DE COMUNICAÇÃO SOCIAL

ANA PAULA DOS SANTOS
JULIA OVIEDO

JORNALISMO PARTICIPATIVO, A VEZ E A VOZ DO CIDADÃO: PROJETO
EXPERIMENTAL EM GRANDE REPORTAGEM

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado como pré-requisito para a obtenção do diploma de bacharel em Comunicação Social com habilitação em Jornalismo da Universidade Federal de Mato Grosso, sob orientação do Prof. Ms. Thiago Cury Luiz.

CUIABÁ
2016

**JORNALISMO PARTICIPATIVO, A VEZ E A VOZ DO CIDADÃO: PROJETO
EXPERIMENTAL EM GRANDE REPORTAGEM**

ANA PAULA DOS SANTOS

JULIA OVIEDO

Aprovadas em: ____/ ____/ ____

BANCA EXAMINADORA

Prof. Ms. THIAGO CURY LUIZ
(Universidade Federal de Mato Grosso)

Prof^a. Dr^a MARIANGELA SOLLA LOPEZ
(Universidade Federal de Mato Grosso)

Prof. Ms. JOSÉ DA COSTA MARQUES FILHO
(Universidade Federal de Mato Grosso)

AGRADECIMENTOS

Seria mais árdua a caminhada se não contássemos com o amparo de pessoas especiais que contribuíram muito com nossa trajetória, que iniciou antes mesmo de sermos aprovadas neste curso. Quando o sonho de sermos jornalistas surgiu em nossos corações, tivemos o apoio de nossos pais, Edna Francisca Silva, Josivaldo Constantino dos Santos, Neila Corrêa Ribeiro Oviedo e Ernesto dos Santos Oviedo. Somos gratas por vocês nunca terem deixado de acreditar que um dia chegaríamos até aqui. Se a partir de hoje vocês estão mais orgulhosos com a nossa formação, gostaríamos de reafirmar nosso amor e eterna gratidão a vocês!

Também não poderíamos deixar de agradecer a todos os professores do curso de Jornalismo desta Instituição. Eis uma das mais nobres profissões, a de ensinar e passar adiante aquilo que vocês levaram uma vida inteira para aprender. Obrigada, mestres! Todo nosso respeito e admiração.

Durante quatro anos fizemos amigos que com certeza serão parte de nossas vidas. Foram essas pessoas que tornaram a difícil tarefa da formação acadêmica um pouco mais leve e, por que não dizer, engraçada? De todas as pessoas que conhecemos ao longo da graduação, gostaríamos de agradecer em nome da turma 2012/2 de todas as habilitações. Vocês são os melhores amigos que nós poderíamos ter!

Nossos agradecimentos especiais se estendem a quem nos auxiliou na produção deste trabalho: nosso orientador e amigo Thiago Cury, nossa colega Joice Moraes, à TV Centro América nas pessoas de Diego Hurtado e Marina Martins, ao Circuito Mato Grosso na pessoa de Sandra Carvalho, à Rádio Capital nas pessoas de Laíce Souza Antero Paes de Barros, à TV Record na pessoa de Verônica Rakel, à professora Sonia Zaramella, à dona Clarice, à Elaine Ferri e a todas as pessoas que denunciam, opinam e fazem ouvir sua voz nos noticiários cuiabanos.

Por fim, agradecemos a Deus por nos abençoar com tantas oportunidades em nossas vidas!

Dedicamos este trabalho a todos os cidadãos que acreditam na eficácia do jornalismo e buscam nele a sua voz.

“Pois o jornalismo é uma paixão insaciável que só se pode digerir e torná-lo humano por sua confrontação descarnada com a realidade. Ninguém que não a tenha sofrido pode imaginar essa servidão que se alimenta dos imprevistos da vida. Ninguém que não a tenha vivido pode conceber, sequer, o que é essa palpitação sobrenatural da notícia, o orgasmo das primícias, a demolição moral do fracasso. Ninguém que não tenha nascido para isso e esteja disposto a viver só para isso poderá persistir num ofício tão incompreensível e voraz, cuja obra se acaba depois de cada notícia como se fora para sempre, mas que não permite um instante de paz enquanto não se recomeça com mais ardor do que nunca no minuto seguinte”.

(Gabriel Garcia Marquez)

RESUMO

Este Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) é uma grande reportagem impressa sobre o jornalismo participativo em Cuiabá. Durante muito tempo, a participação do receptor no processo comunicacional, mais precisamente no jornalismo, foi limitada, de forma que um dos mais importantes critérios de noticiabilidade dos veículos de informação, o interesse público, era definido por aquilo que os próprios profissionais da comunicação julgavam ser importante para seu público. Com o surgimento das novas tecnologias, em especial as que trabalham com o conceito de interatividade, amplia-se o que chamamos de jornalismo participativo, também conhecido como jornalismo colaborativo ou *open source*. Para tanto, as metodologias utilizadas para a construção deste trabalho foram pesquisa bibliográfica e as pertinentes ao processo de produção jornalística.

Palavras-chave: jornalismo participativo; jornalismo colaborativo; open source; cidadão; grande reportagem.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	09
CAPÍTULO I	13
1.1 O leitor e o cotidiano na história do jornalismo	13
1.2 Jornalismo cidadão: informa ou deforma?	16
1.3 Utilização de Ferramentas Interativas em Jornalismo Participativo	18
1.4 Jornalismo participativo: tecnologia, comunicação e o papel do jornalista	19
1.5 Grandes reportagens: situações e experiências vividas por um repórter	21
1.6. A Reportagem: Teoria e Técnicas de Entrevista e Pesquisa Jornalística	23
CAPÍTULO II	26
ESTRUTURA DA REPORTAGEM.....	26
CAPÍTULO III	28
DESCRIÇÃO DAS ATIVIDADES	28
3.1 Documentos.....	28
3.2 Fotografias.....	29
3.3 Entrevistas	30
3.4 Redação	31
3.5 Diagramação e gráficos.....	31
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	32
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	34

INTRODUÇÃO

O surgimento de novas tecnologias transformou a maneira como os veículos de comunicação lidavam com seu público e criou mecanismos para que uma interação acontecesse de forma mais ágil, gerando não só conteúdo diversificado, mas empatia com o público.

Os temas que são abordados podem variar de veículo para veículo. Denúncias, reclamações, opinião e o que mais o público julgar importante podem chegar às redações diariamente. E é neste contexto que falamos em *jornalismo participativo*.

Entende-se por este termo, ou ainda “jornalismo colaborativo”, ou *open source*, a prática da atividade jornalística que se utiliza da participação do público e que tem como pauta assuntos de interesse da comunidade. Entretanto, a participação do público é limitada por um editor, produtor ou até mesmo um mediador, que define as regras da edição jornalística defendidas pelo veículo de informação do qual faz parte.

Essa limitação é uma das principais características deste tipo de jornalismo, que sempre terá o jornalista como um *gatekeeper*, referência ao agente principal da Teoria do Gatekeeping, como descreve Felipe Pena: “Por essa teoria, só viram notícia aqueles acontecimentos que passam por um portão (*gate*). E quem decide isso é uma espécie de porteiro ou selecionador (o *gatekeeper*), que é o próprio jornalista” (PENA, 2005, p. 133).

Com o jornalismo participativo, um dos critérios de noticiabilidade ganha destaque, podendo ser positivo ou negativo: o interesse público. Isso porque da mesma maneira que o jornalismo participativo abre espaço para a democratização daquilo que é notícia com a participação de seu receptor, há também uma outra vertente, que é uma certa banalização do assunto a ser abordado. É, por exemplo, o caso das chamadas “pautas de bairro”, muito recorrentes na imprensa cuiabana. O receptor que sugeriu um vazamento de água em sua rua tem interesse que este fato se torne notícia. Mas será que um caso isolado do problema é um assunto de interesse público?

O jornalismo participativo tem destaque, principalmente, com a evolução de diferentes dispositivos tecnológicos. Começou de maneira tímida ocupando as primeiras páginas dos veículos impressos, em uma espécie de “Carta do Leitor” e ganhou e-mails, espaços próprios em sites, redes sociais, aplicativos de smartphones, cada vez mais aprimorados para estimular e deixar mais fácil a participação do receptor. O “Bem na Hora”, aplicativo da TV Centro América, afiliada da Rede Globo em Mato Grosso, é um exemplo.

Por meio da pesquisa bibliográfica e análise de diferentes veículos de comunicação, este trabalho tem como objetivo esclarecer como se deu historicamente a participação do receptor

no jornalismo cuiabano, além de apresentar como acontece a participação do público, acompanhando o dia a dia de dentro das redações dos diferentes veículos jornalísticos escolhidos para o estudo. Buscamos os formatos que os veículos escolhidos disponibilizam para utilizar as sugestões que o receptor fornece, a exemplo de carta do leitor, reportagem de TV, de rádio, participação por telefone, divulgação de vídeos e fotos, entre outros, e o retorno/feedback que o próprio receptor tem e se seu problema, dúvida, sugestão foram atendidos e provocaram alguma reação.

Escolhemos a grande reportagem como produto a ser apresentado em nossa banca, pois acreditamos que desta forma vamos unimos o aprendizado do tema com a prática da atividade jornalística.

A escolha de Cuiabá para análise deste objeto se deve, principalmente, ao fato de que a capital mato-grossense tem acompanhado essa que é uma tendência do jornalismo atual: criar meios de interação e até mesmo saber o que pensa o seu receptor. Ou mais do que isso: colocar o receptor como agente no processo de seleção do que é ou não notícia, dadas as devidas limitações.

Como fenômeno social, o jornalismo participativo faz-se necessário no cotidiano das redações, principalmente pela possibilidade de democratização da imprensa e como importante ferramenta para dar voz àquele que é o “consumidor” do produto jornalístico: o público.

Apesar da proposta deste trabalho ter um perfil mais prático, do ponto de vista metodológico, iniciamos com uma pequena revisão da literatura, resultante de uma pesquisa bibliográfica, conforme consta no item 8. Para Stumpf (2005, p.51), este tipo de pesquisa caracteriza-se como:

[...] é um conjunto de procedimentos que visa identificar informações bibliográficas, selecionar os documentos pertinentes ao tema estudado e proceder à respectiva anotação ou fichamento das referências e dos dados dos documentos para que sejam posteriormente utilizados na redação de um trabalho acadêmico (STUMPF, 2005, p. 51).

Dentro dessa premissa, procuramos na literatura dos últimos cinco anos o que se tem estudado sobre o jornalismo participativo, colaborativo ou o jornalismo cidadão, que em todos os casos levam em consideração o conceito de participação do público no fazer jornalístico. Entender historicamente como se deu este processo e conhecer o que já existe de estudos que apontam a contribuição do jornalismo participativo para o jornalismo cotidiano se fez extremamente necessário para que possamos pensar a partir de uma perspectiva que ainda não tenha sido explorada pelos demais estudos. Daí a importância da pesquisa bibliográfica.

Também é importante pontuar que este tipo de pesquisa é, também, nosso primeiro contato com o tema a ser estudado. Já tínhamos uma pequena noção do que gostaríamos de estudar, uma das premissas pontuadas por STUMPF na hora da definição do tema.

Nesta etapa o estudante precisa, primeiramente, definir o tema de estudo com precisão. De modo geral, tal definição não é problemática porque ele geralmente escolhe para pesquisar um assunto que lhe instiga, que de alguma forma já lhe é familiar ou para o qual vem envidando esforços há algum tempo (STUMPF, 2005, p. 51).

E foi exatamente na delimitação do tema que reconhecemos que a cidade de Cuiabá seria um importante local, tanto por ser próximo de nós, quanto pelo fato de que no levantamento que fizemos não termos localizado estudo semelhante. A pesquisa bibliográfica nos abriu possibilidades não apenas para o conhecimento do processo do jornalismo participativo, mas também no tipo de abordagem que será realizada a partir disto.

Outros passos tão importantes elencados pela autora, além da escolha do tema, é a seleção das fontes, que demos preferência para catálogos de bibliotecas, portais de universidades e catálogos de editoras, a localização e obtenção do material e a leitura e transcrição de dados, que deu corpo e embasamento para a revisão da literatura deste trabalho.

Enquanto Stumpf (2005) nos orienta sobre a escolha das fontes e a forma como as informações devem ser obtidas e aproveitadas, Bauer e Gaskell (2002) falam sobre a análise do público e o aproveitamento das informações obtidas para a produção do material, que no nosso caso apresentará diversas mídias diferentes.

Como explicam Martin W. Bauer e George Gaskell (2002, p. 39), para serem conhecidas algumas características de uma população, é comum observar apenas uma amostra de seus elementos e, a partir dos resultados dessa amostra, obter estimativas para as características de interesse da população. Neste caso, a seleção dos elementos que irão compor a amostra, deve ser feita por uma metodologia adequada, de tal forma que a mesma seja representativa, de modo que os resultados sejam confiáveis para avaliar as características da população.

A amostragem garante eficiência na pesquisa ao fornecer uma base lógica para o resultado de apenas partes de uma população sem que se percam as informações- seja esta população uma população de objetos, animais, seres humanos, acontecimentos, ações, situações, grupos ou organizações (BAUER; GASKELL, 2002, p.40).

Quanto às entrevistas, o objetivo é conhecer o público que mantém essa relação participativa com o jornalismo. Como afirmam Bauer e Gaskell (2002, p. 64), “a compreensão da vida dos entrevistados e de grupos sociais especificados”.

O trabalho que será exposto em formato de Grande Reportagem pretende explorar os seguintes conceitos: interatividade, hipertextualidade, multimidialidade, personalização, atualização contínua e memória. Esse formato de reportagem adquire um caráter documental, que reúne recortes da realidade, com um tratamento criativo, narrado através de um fluxo lógico de informações que serão obtidas por meio de entrevistas, e concluído após análise dos dados obtidos.

Ainda de acordo com Bauer e Gaskell (2002, p.85), “a análise e interpretação exigem tempo e esforço e não existe aqui um método que seja o melhor. Na essência elas implicam na imersão do próprio pesquisador no *corpus* do texto”. Entendendo que o *corpus* refere-se ao corpo do trabalho e todo material que contribuirá para a sua execução, buscaremos o aprofundamento no conteúdo, passando a vivenciar dentro das redações como acontece a relação entre o jornalista e o cidadão.

No primeiro capítulo deste trabalho, apresentamos o referencial teórico estudado para o desenvolvimento da reportagem. Como base de nosso estudo, lançamos mão de materiais que não apenas esclareceram o conceito de jornalismo participativo, como também apresentaram os métodos de reportagem. Já no segundo capítulo exibimos a estrutura da reportagem: Introdução, Participação na História, Participação nos Jornais Atualmente, Novas Tecnologias e o Novo Jornalismo Participativo e Desafios da Participação. No último capítulo descrevemos nossas atividades referentes ao trabalho desde o projeto inicial, até o desenvolvimento da reportagem.

CAPÍTULO I

1.1 O leitor e o cotidiano na história do jornalismo

Não se pode afirmar quando surgiram as formas de participação do receptor no jornalismo. Mas é na história que Matheus (2013) busca comparar o jornalismo participativo praticado no surgimento da internet e de novas tecnologias com as formas de participação que já existiam na era dos jornais impressos. E, apesar de introduzir o tema com Sodré (1977 apud MATHEUS, 2013, p. 44-45) e sua análise sobre a TV, mostrada como um meio de comunicação pouco colaborativo, o que podemos observar é que ao longo dos anos esse cenário foi superado e muito disso se deve à internet.

Mas Sodré tinha uma visão sobre a construção da cultura pela reciprocidade das trocas linguísticas e simbólicas, pontuada pela autora, que introduziu o pensamento oportunamente para se chegar ao jornalismo participativo.

A troca é fundamental porque é ela que organiza a cultura, que não pode se fundar sob um simples monopólio da fala. É preciso permitir que o jogo simbólico se mantenha aberto para múltiplas vozes e experiências, de modo que as contradições possam emergir (SODRÉ apud MATHEUS, 2013, p. 45).

E, nesta premissa, a TV então foi um meio de comunicação que não se encaixava na proposta de troca ou de participação da época. O mesmo não podemos afirmar nos tempos atuais. A tendência da TV é levar conteúdo atrativo a seu espectador, que pode facilmente encontrar um vasto mundo de informações e entretenimento na internet. Daí essa grande necessidade de “dar voz” ao telespectador para despertar sua atenção, utilizando-se da internet como canal para que essa troca aconteça de fato.

Voltando no tempo, mais precisamente no final século XIX, o telégrafo surgiu como uma espécie de “marco” para a ampliação da participação do público no jornalismo impresso, mas mais importante do que isto: a colaboração entre os jornais. De mero “publicador de atas”, o jornalismo da época passa a ter um estilo mais noticioso.

Apesar de pensarmos a interatividade como algo relacionado às novas tecnologias, isso já se observava nos jornais impressos da época, como é o caso dos enigmas e charadas. E a isso se atribui o sucesso dos periódicos da época. Matheus (2013) destaca esse êxito em números: com média de 600 mil habitantes, a soma da tiragem dos periódicos do Rio de Janeiro alcançava 135 mil exemplares.

Seriam as “estratégias de aproximação” as responsáveis por tal sucesso? A hipótese é de que as ações de incentivo à participação do leitor, como as promoções, reclamações, oferta de brindes e até o estímulo à visita às redações, tenham sido fundamentais neste processo.

Uma importante característica do jornalismo participativo surge também nessa época, que hoje é conhecida como a humanização do conteúdo, que é o jornalismo partindo do ser humano. As histórias humanas que colocavam o leitor como personagem já apareciam, mesmo que as entrevistas ainda não fossem utilizadas como uma das técnicas de reportagem. Mas as colunas de relatos de leitores apareciam como importante mecanismo para isso. E, conseqüentemente, a cobertura da vida na cidade também se destaca entre os assuntos que instigam o leitor: crimes, denúncias, escândalos ganham as páginas dos jornais. O interesse público da época.

Desta maneira, o vasto universo da participação popular no jornalismo encontra suas raízes em um passado distante. É importante lembrar o papel ativo que o receptor teve neste processo desde os primórdios, ainda que a participação fosse menor e mais difícil. Quais possibilidades de participação o receptor pode encontrar hoje nos mais diferentes meios de comunicação? Inúmeras, e a tendência é que cada vez mais os veículos abram as portas para esse “nem tão novo” jeito de se fazer jornalismo.

Enquanto Sodré (apud MATHEUS, 2013) nos contextualiza em relação aos primeiros contatos entre cidadão e jornalista, Scherer e Schiestl (2009) apresentam um estudo comparativo que revela como a participação do cidadão acontece na produção de conteúdo de dois sites e a forma como a sede por informações e a rapidez dos dias de hoje fazem com que o interesse do público seja maior, independente da notícia.

Com o avanço das tecnologias, a comunicação, nos dias de hoje, tornou-se algo rápido. Por esse motivo, o público cada vez mais exige agilidade na veiculação de notícias e nas respostas aos questionamentos demandados por eles aos meios de comunicação. Além disso, com essa “cobrança” do público em relação ao conteúdo jornalístico veiculado, muitos veículos passaram a aceitar a colaboração de seus receptores no ato da produção da notícia. Tal procedimento deu-se através de sugestões de pautas, e outros veículos inclusive passaram a disponibilizar um espaço em sua mídia destinado a opinião pública. Modelo utilizado principalmente na internet.

A rapidez do acesso, combinada com a facilidade de produção e de disponibilização, propiciadas pela digitalização da informação e pelas tecnologias telemáticas, permitem uma extrema agilidade de atualização do material nos jornais da web. Isso possibilita o acompanhamento contínuo em

torno do desenvolvimento dos assuntos jornalísticos e de maior interesse (SCHERER; SCHIESTL apud PALACIOS, 2003, p. 20).

Lembrando que o jornalismo participativo se traduz na colaboração do receptor na produção das notícias, porém sofrendo limitações e correções por parte de um profissional do jornalismo para que o sugerido esteja dentro do padrão jornalístico e de acordo com as exigências da mídia em que será veiculada.

Em análise de plataformas que possibilitam a contribuição de leitores com o jornal, feita por Scherer e Schiestl (2009), dois sites apresentaram diferentes métodos na seleção das notícias, nos temas publicados e na quantidade de matérias (escritas pelos leitores) aceitas na página. Em um deles, Portal IG, a quantidade de material produzido por internautas foi bastante grande, e os temas abordados foram de caráter interativo. Já no Portal Terra, foi avaliado maior cautela na seleção das matérias, tanto devido à quantidade publicada, quanto em relação aos temas debatidos, que foram, em maior parte, de caráter social.

Podemos afirmar que:

O jornalismo cidadão deve instigar o leitor a produzir matérias de sua realidade, do seu cotidiano, daquilo que desperta o interesse dele como autor e também despertará a vontade de ler em outro cidadão. Este sentido do jornalismo cidadão foi pouco encontrado nas matérias. A maior parte delas que se encaixa de alguma forma nesta maneira de fazer jornalismo participativo foi publicada pelo Portal Terra, que buscou selecionar assuntos relacionados à comunidade e a aspectos que muitas vezes não seriam publicados por um jornal de maior veiculação por não ser um assunto tão amplo. O portal iG, ao contrário, dá preferência a um jornalismo mais sensacionalista, que visa investigar a vida de famosos, transmitir notícias bizarras e até relacionadas a pornografia (SCHERER; SCHIESTL, 2009, p. 23).

Além da opinião pública e a importância de abortar assuntos de interesse do receptor, devemos levar em conta o fato de “os canais de comunicação analisados – iG e Terra – utilizarem o jornalismo participativo como uma estratégia de *marketing*” (SCHERER; SCHIESTL, 2009, p. 23) que busca, através deste método, fidelizar seus clientes/leitores.

Após essa análise, consideramos que é necessário tomar o jornalismo cidadão como uma nova etapa dentro do webjornalismo, levando em conta o apoio recebido pelo receptor e a importância de manter-se atualizado em relação aos assuntos pertinentes e de interesse do público-alvo. Porém é necessário que haja uma maneira de melhorar essa relação entre o profissional e o povo, sem distorcer a ideia pública e ao mesmo tempo manter a ética e a postura profissional do jornalista.

Da mesma forma, Targino (2009) apresenta os dois lados que o jornalismo cidadão enfrenta, e ainda as alternativas que o Independent Media Center e o Centro de Mídia Independente Brasil utilizam para tornar a participação do povo efetiva, porém sem prejudicar a veracidade do conteúdo jornalístico.

1.2 Jornalismo cidadão: informa ou deforma?

O livro “Jornalismo Cidadão: informa ou deforma” é uma proposta da Organização das Nações Unidas para a Educação, Ciência e Cultura (UNESCO), por meio do Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia (IBICT), que trabalha dentro da premissa de democratização da informação nos diferentes estratos sociais. E neste contexto, o jornalismo cidadão é o objeto para se chegar a este ideal.

As transformações sociais decorreram também de muitos avanços tecnológicos. E essas mesmas transformações é que mudaram o jeito de se fazer jornalismo e, principalmente, do jornalista enxergar todo esse processo. E assim surge também como objeto principal desta obra o jornalismo cidadão, também apresentado como jornalismo cívico, ou ainda *open source journalism*, jornalismo de fonte aberta ou jornalismo participativo, jornalismo 3.0, web colaborativa, web social, internet de nova geração, software social, ou web 2.0. E todo o estudo é baseado na experiência do Centro de Mídia Independente (CMI), que também tem representação legal aqui no Brasil.

A autora relembra a imprensa brasileira desde seu surgimento, com a instalação oficial da Imprensa Régia, por Dom João VI em 1808, passando por sua consolidação, entre o final do século XIX e o início do século XX, chegando a sua fase moderna, da qual tem como marco inicial a Revolução de 1930 e o jornalismo contemporâneo, iniciado com a queda da ditadura e que, entre muitas transformações, o surgimento da web desponta como grande marco para a atividade jornalística.

O fator econômico é o que permite que grande parte das pessoas tenha acesso aos bens de consumo. A internet se expandiu à medida que as pessoas tiveram a ampliação de suas possibilidades econômicas e neste contexto surge o webjornalismo, que, segundo a definição de Targino (2009, p. 53), “é o jornalismo contemporâneo presente no espaço cibernético, dando origem ao jornalismo contemplado em portais, sites, blogs, o qual reúne traços da imprensa escrita, televisiva e radiofônica”.

E, assim, a imprensa viu neste vasto espaço a possibilidade de ampliar a mercantilização da notícia. E o cidadão, uma possibilidade de colaborar com este conteúdo. Os blogs e fotoblogs ganham bastante espaço entre os internautas, seja pelo seu fácil acesso e baixo custo, seja pelo

fluxo imediato de informação. E este imediatismo da notícia e a participação do receptor se tornam grandes aliados do jornalismo.

A autora cita a experiência do Independent Media Center (IMC) e da experiência brasileira, o Centro de Mídia Independente Brasil (CMI), citados no início desta revisão. São coletivos que prezam por uma cobertura independente, e não comercial. Neste caso, a autora afirma que esses espaços independentes são também espaços de divulgação de ideias e pensamentos, logo, uma possibilidade de participação do indivíduo dentro da premissa de democratização da informação.

De acordo com Targino (2009, p. 80), páginas como do Independent Media Center e do Centro de Mídia Independente Brasil enxergam o processo da produção jornalística de forma externa e interna, visando uma política editorial e econômica e o impacto social que ela causa. São debatidos pontos desde a estrutura visual da página são até o conteúdo exposto, que pode variar.

Nas páginas da Indymedia, com todas as manifestações humanas, é utilizada uma linguagem que exige leitura semiótica, levando em consideração todas as formas de manifestação que os signos venham assumir, através do designer e da arquitetura da página. A interpretação depende sempre do leitor, pois esta recepção e interpretação podem não ser as mesmas dependendo de cada um deles.

A autora aborda a intenção da IMC, que é reunir grupos de jornalistas para organizar uma cobertura cooperativa e não comercial de modo que todas as matérias sejam expostas de forma democrática, verídica e que demonstre paixão, o que seria visto como um jornalismo participativo e integrante, não deixando de lado a veracidade dos fatos, credibilidade e a autoria.

A filosofia da empresa não se aplica a grupos rebeldes e nem a movimentos antiglobalização, também divergem de práticas mercantilistas, troca e disseminação de informações. Visam que cada um se torne divulgador de notícias, sem que isso seja concentrado nas mãos de apenas alguns grupos, como no caso dos grupos televisivos, jornais impressos, etc.

A rede foi se desenvolvendo de forma que qualquer indivíduo que queira montar um movimento ou manifestar sua opinião, pode usar de uma mídia independente para tal feito, e isso é o que inviabiliza esta mídia se tornar corporativa. Sendo assim, ficam livres as manifestações contra as instituições nacionais ou multinacionais, ou contra as injustiças governamentais. Esses movimentos não são de hoje, mas se estendem desde as décadas de 60 e 70, o que acontece é a maneira que eles estão se globalizando hoje, de uma forma muito abrangente e organizada através de mídias independentes que atinge uma maior quantidade de pessoas que se interessam por esses assuntos.

A IMC busca recompor a evolução política da internet, mostrando isso através de mapas históricos e como essa evolução se deu juntamente com inserção dos cidadãos e da coletividade através das décadas.

Tudo isso, sem esquecer que ciência e tecnologia só têm sentido se amenizam as dificuldades de nosso cotidiano e nos fazem melhor, a cada dia. Engajados ou não nos IMCs ou CMIs, o importante é a ação social e o jornalismo poético, que nos permita facultar ao outro VEZ e VOZ (TARGINO, 2009, p. 233).

Para fortalecer a ideia de Targino, são apresentadas alternativas como os hackmeetings, que são debates organizados por internautas, para tratar de assuntos como questões sociais, políticas e também técnicas.

Targino reconhece o estímulo que o espaço virtual propicia para ações cooperativas e discute a habilidade de organizar e disseminar incríveis quantidades de dados e informações a velocidades surpreendentes, rompendo barreiras temporais e espaciais. São evidentes, por meio dos estudos da autora, a evolução da web, as diversas vertentes que ela possui e as mutações que o webjornalismo sofreu com essa evolução, tendo como a maior delas o cidadão, que utiliza da internet para colaborar no fazer jornalismo.

1.3 Utilização de Ferramentas Interativas em Jornalismo Participativo

Na dissertação de Rafael Savi (2007), o autor faz uma relação entre o jornalismo participativo e algumas ferramentas interativas da internet, como é o caso dos fóruns, wikis, blogs e podcasts. Interessante pontuar é que ainda não existe um termo específico para como se dá esta participação do receptor, como explica o autor.

[...] muitos autores preferem utilizar os termos jornalismo cidadão (*citizen journalism*) ou jornalismo participativo (*participatory journalism*) para se referirem à publicação de informações, notícias e conteúdos feitos por pessoas que não são jornalistas profissionais. Por um lado, o termo jornalismo open source parece ter sido adotado primeiro [...] (SAVI, 2007, p. 30).

E apesar de muitos autores citados na dissertação de SAVI (2007) terem diferentes nomenclaturas e definições para a participação do receptor, ele prefere considerar que “qualquer atividade que produza algum conteúdo jornalístico, quando executada por cidadãos comuns, sozinhos, em grupo, ou em colaboração com jornalistas profissionais, pode ser chamada de jornalismo participativo”.

A democratização da web se deve a alguns fatores elencados pelo autor, entre eles a possibilidade de não ter custos com a hospedagem de sites, a facilidade das ferramentas web e

diminuição do preço dos equipamentos com acesso à internet, como computadores, celulares, câmeras, etc. Mas a participação das pessoas na web se deu, principalmente, pela interatividade.

Primo conceitua a interatividade em duas classes: interação mútua e relativa.

Ele considera a relação reativa um tipo mais fraco e limitado de interação. Uma interação mútua, por sua vez, vai além da ação de um e da reação de outro, apresentando um complexo de relações que ocorrem entre os interagentes (SAVI, 2007, p. 42).

O *feedback* por meio de críticas, opiniões favoráveis, contrárias, pedidos de mais informações, até mesmo comentários em casos de sites noticiosos que possuem esta ferramenta são formas de abrir ao público uma forma de participação. Mas o autor considera, muitas vezes, vazias a resposta do veículo ao internauta.

A experiência do Independent Media Center, New York Times, CNN e BBC e até brasileiros como o Grupo Estado, portal Terra, IG e Globo também são citados como veículos que abriram suas portas para que o público participasse, tal é a proporção do jornalismo participativo.

Em relação à interação que os diferentes veículos possuem com sua audiência, o autor fez uma análise comparativa entre os fóruns, wikis, blogs e podcasts, chegando à conclusão de que, com exceção dos podcasts, o público possui interatividade, podendo, inclusive, selecionar o conteúdo que lhe agrada.

Em sua conclusão, o autor chega a citar como o jornalismo participativo deixou de lado as notícias, que antes eram apenas comunicadas, para um diálogo que está aberto à interferência do público. E sugere que trabalhos futuros relacionados a essa mesma temática não sejam focados em analisar diversas ferramentas, como ele fez, mas que abordem apenas uma, em que há a possibilidade de análise de mais casos em um mesmo tipo de aplicação.

Tendo em vista o estudo de Savi, podemos associar à tese defendida por Catarina Rodrigues, em 2013. Já que ambos tratam da evolução da informação, principalmente os métodos utilizados pelos jornalistas para obterem participação do público e mesmo assim conseguirem que o seu material seja utilizado de forma ética e sem ferir os preceitos do jornalismo.

1.4 Jornalismo participativo: tecnologia, comunicação e o papel do jornalista

Apesar dos inúmeros desafios impostos ao jornalismo, este tem passado por diversas transformações, já que a evolução tecnológica, bem como o acesso generalizado à Internet,

possibilita uma participação mais ativa dos cidadãos às informações.

As possibilidades oferecidas online têm cada vez mais implicações na sociedade. [...] Ferramentas, de utilização simples, dão um contributo decisivo para a criação de novas dinâmicas relacionais onde os conceitos de partilha, participação e conversação assumem destaque (RODRIGUES, 2013, p.29).

As vantagens oferecidas por sites de busca, compras, redes sociais, notícias, entre outros, permitem que a comunicação ocorra em grande escala e de maneira global. E todas as novas transformações que surgem quando se trata de comunicação faz com que alguns veículos ou estratégias de comunicação mais antigos sejam repensados. Dessa forma, é visível o destaque das redes de comunicação sem fio, que abrangem um grande número de pessoas, transformando e facilitando várias atividades cotidianas, sem que sejam limitadas por fatores como tempo e espaço geográfico.

A capacidade de interação com outros que não participam do mesmo ambiente espaço-temporal faz com que a Internet seja um meio de comunicação de caráter público, ou seja, esta comunicação desempenha a função de agente social, moldando a sociedade através do fornecimento e partilha de ideias.

Como apresenta Rodrigues (2013, p. 31), todas as mutações tecnológicas, sociais, econômicas e culturais, fazem com que o papel do jornalismo, bem como suas técnicas, práticas e rotina profissional, seja reavaliado. A atenção deve ser redobrada, já que as notícias são informações que, quando transmitidas, são capazes de alcançar um grande número de pessoas, gerando comentários. Além do mais, devem ser recentes, imediatas e, acima de tudo, tenham uma boa circulação, por isso não é qualquer informação que se caracteriza como notícia.

As informações e notícias partilhadas ao público são anteriormente compreendidas e expressas por profissionais do jornalismo, cabendo a eles uma enorme responsabilidade, a fim de que a veracidade seja mantida juntamente com a preservação de um "código de princípios e valores". Por isso, o elemento fundamental do trabalho jornalístico é o acesso às fontes das informações. As fontes podem ser entendidas como os meios em que o jornalista se mantém a par dos acontecimentos, sendo determinantes na qualidade da informação. Ao jornalista, portanto, cabem alguns cuidados, não só referentes à avaliação da informação recebida, mas aos critérios de identificação dessas fontes.

A abrangência global das informações faz com que os meios de comunicação possam colaborar com determinadas comunidades para divulgar e contribuir com a solução de problemas locais, constituindo, dessa forma, o jornalismo cívico. Segundo Rosen (2011, apud RODRIGUES, 2013, p. 308), “quanto mais pessoas participem na imprensa, mais forte ela

será”. Assim, torna-se ainda mais forte a ideia de que jornalismo cívico tem como proposta encorajar o desenvolvimento do cidadão na vida pública, redescobrimdo valores comunitários.

Os cidadãos têm hoje acesso a um conjunto de possibilidades disponíveis na web que permitem, de forma instantânea, a partilha de ideias, a divulgação de informações, a participação no espaço público ou o simples entretenimento (RODRIGUES, 2013, p.44).

Com as ferramentas que lhes são disponibilizadas, o público em geral, tem a oportunidade de servir como fonte, relatando suas vivências. Porém, os dados apresentados por atividades jornalísticas devem ser rigorosamente confirmados, respeitando-se as práticas que fomentam a credibilidade da informação. Desta maneira, práticas que não consideram os procedimentos e regras básicas da atividade jornalística, não podem ser chamadas de “jornalismo”, descartando assim a ideia de que qualquer cidadão possa ser considerado jornalista.

Alguns jornais cedem espaços em suas publicações para que leitores participem, para que o público também tenha voz. E estes textos também devem ser criteriosamente avaliados, levando em consideração a atualidade da informação, interesse do tema, importância das denúncias (se houver) e, principalmente, a qualidade da escrita. Por isso, nem todos os textos de recebidos de leitores podem ser publicados, cabendo esta responsabilidade de avaliação aos editores e/ou jornalistas.

Em seu estudo, Rodrigues (2013, p. 307) parte do pressuposto de que, quando se fala em jornalismo, nos referimos à relação entre os profissionais da comunicação e os seus públicos, os quais a cada dia se tornam mais ativos no processo noticioso. Este ritmo cada vez maior, impulsionado pela rapidez e facilidade da partilha de conhecimento entre as pessoas, coloca as atividades jornalísticas e os veículos em que elas são propagadas em constante transformação.

1.5 Grandes reportagens: situações e experiências vividas por um repórter

Em seu livro “A prática da reportagem”, Ricardo Kotscho (2003) faz relatos de suas experiências na profissão de jornalista.

A publicação é utilizada como uma espécie de manual e diário de um repórter, na qual o autor conta e analisa cada grande reportagem que fez, trazendo à tona aspectos importantes na rotina de um jornalista. É evidente que as dificuldades relatadas por ele no livro são referentes à década de 80. Porém, muitas experiências e empecilhos ainda são contemporâneos, como, por exemplo, o furo de uma pauta e o dever de fazer matérias nos sempre iguais dias de feriados ou domingos. Kotscho ressalta que, acima de tudo, um bom jornalista deve ser criativo

e conseguir mostrar algo de novo em um assunto já saturado. "Para isso, é preciso estar atento exatamente para alguma cena que fuja da rotina" (KOTSCHO, 2003, p. 22).

O autor traz conselhos para um jovem jornalista e também histórias já conhecidas pelos mais antigos na profissão, como os esquemas formados para grandes coberturas, em que não se precisa somente de técnicas para escrever um texto ou criatividade, também é necessária resistência física para acompanhar o acontecimento e esquecer de si mesmo por aqueles momentos de reportagem. "O jornal e o leitor não querem nem saber quais as dificuldades que o repórter está encontrando – querem o fato bem contado" (KOTSCHO, 2003, p. 26).

Outra dificuldade levantada pelo jornalista em suas reportagens da década de 80 era um meio de fazer as informações chegarem à redação, mesmo ele ressaltando os grandes avanços tecnológicos da época, avanços esses que eram telefone e telex. Algumas vezes, quando não se tinha disponível sequer uma máquina de escrever, as matérias chegavam à redação manuscritas mesmo.

Diante de tantas adversidades, os textos publicados, por vezes, eram curtos, secos e diretos. São essas as diferenças na tecnologia que nos fazem ver como é mais fácil trabalhar na atualidade.

Ricardo Kotscho ressaltava que "lugar de repórter é na rua, mesmo sem credencial e sem pauta", ao citar o exemplo das reportagens investigativas em que, quando há polícia envolvida, os jornalistas seguidamente são barrados, e precisam ter o "feeling" para encontrar uma pauta ainda melhor fora dali.

Outro problema, também vivido pelos repórteres, é quando se trata de uma investigação ou algum fato de grande apelo social. Pois depois que se tem em mãos as informações e a matéria de fatos desse cunho, tem-se ainda a objeção, sempre vinda de superior, de publicar ou não. "Não é exagero dizer que o repórter tem que brigar até o fim, todos os dias, para que o seu trabalho chegue até o leitor sem mutilações" (KOTSCHO, 2003, p.35).

É ressaltado no livro que os repórteres, além de transparecer objetividade, firmeza, audácia e astúcia nas suas matérias e no modo como as fazem, também devem saber que no jornalismo há sentimento. Essa é uma habilidade que há de se saber dosar: a emoção, uma vez que esta determina o enfoque da matéria conforme sua dosagem. Kotscho faz várias referências a estas questões, como a morte de Tancredo Neves e Elis Regina, fatos que não se podia publicar sem que tivesse algum sentimento, não havia como ficar invisível. Até porque os leitores querem ler os fatos, mas também saber o contexto. "O repórter que não for capaz de se emocionar, de chorar e se alegrar junto com os personagens de quem fala, jamais conseguirá transmitir ao leitor a realidade que encontrou" (KOTSCHO, 2003. p. 58).

Ricardo Kotscho, com sua vasta experiência, nos mostra neste livro a real vivência de um repórter, como eram feitas coberturas e reportagens há algumas décadas e como ainda deveria ser hoje. Pois o autor ressalta que diante de poucas tecnologias e facilidades, as grandes reportagens que escrevia, ainda em máquinas de escrever, eram tão boas ou melhores que as matérias da atualidade.

Kotscho nos envolve contando sobre as situações e dificuldades que passou na experiência de repórter "de rua". Mostra-nos a labuta diária em um jornal e, acima de tudo, que os profissionais devem se dedicar para não só informar, mas fazer jornalismo com qualidade. Também nos faz refletir como a profissão de jornalista está, de certa forma, mudada e até facilitada hoje em dia. "Enquanto houver repórteres dispostos a levar seu ofício até as últimas consequências, a reportagem sobreviverá – grande ou pequena, não importa. O importante é continuar contando o que acontece por aí", garante o autor (2003, p.80).

1.6. A Reportagem: Teoria e Técnicas de Entrevista e Pesquisa Jornalística

Na obra “A Reportagem (Teoria e Técnica de Entrevista e Pesquisa Jornalística)”, de Nilson Lage, o autor percorre várias “etapas” do jornalismo, partindo do repórter e seguindo para a pauta, fonte, entrevistado, ética, pesquisa etc.

Os primeiros jornais circularam em centros de comércio ligados à burguesia. Fazer jornal era uma atividade barata. O público leitor era restrito a funcionários públicos, comerciantes e seus auxiliares imediatos. "Precisavam de anúncios e estes dependiam do número de leitores." (LAGE, 2006, p.14).

A Europa do século XIX mudou radicalmente as condições em que se exercia o jornalismo. Com a Revolução Industrial, o público leitor ampliou-se rapidamente. Foi necessário mudar o estilo das matérias que os jornais publicavam. Neste período descobriu-se a importância dos títulos, que são como anúncios do texto, e dos furos ou notícias em primeira mão. Ainda nessa época, segundo o autor, os repórteres passaram a ser bajulados, temidos e odiados. A reportagem colocou em primeiro plano novos problemas, como discernir o que é privado, de interesse individual, do que é público, de interesse coletivo; o que o Estado pode manter em sigilo e o que não pode.

Lage conta que a indústria dos jornais prosperou com a América. Instituíram-se os cursos superiores de jornalismo e buscaram-se, por via da pesquisa acadêmica, padrões para a apuração e o processamento de informações. Foi estabelecido, então, que a informação jornalística deveria reproduzir os dados obtidos com as fontes; que os testemunhos de um fato deveriam ser confrontados uns com os outros para que se obtivesse a versão mais próxima da

realidade. "A realidade deveria ser tão fascinante quanto a ficção e, se não fosse, era preciso fazê-la ser" (LAGE, 2006, p.15).

É através do jornalismo que a informação circula. Transportada para uma linguagem comum e simplificada, a informação torna-se, portanto, matéria-prima fundamental, e o jornalista um tradutor de discursos.

O repórter, para fazer o seu trabalho, tem como auxílio a pauta, que não só orienta, como também facilita e agiliza a construção de uma matéria. A instituição da pauta como procedimento padronizado é relativamente recente. Antes, apenas as matérias principais ou de interesse da direção eram programadas. O principal objetivo de uma pauta é planejar a edição. O princípio é que, mesmo que não aconteça nada não previsto em determinado dia, o jornal sairá no dia seguinte. A pauta deve, tanto quanto possível, disponibilizar as informações que se tem previamente e indicar as fontes de pesquisa conhecidas para a preparação da matéria. Deve também avaliar o tempo necessário à apuração adequada.

As fontes de informação com que se organizam as pautas são notícias publicadas em rádio, jornal, televisão e na internet, press releases e informações liberadas por fontes diversas, como assessorias de imprensa; dados que chegam ao conhecimento dos repórteres em seu trabalho rotineiro; matérias realizadas em outras praças, cartas, telefonemas e e-mails de leitores ou de qualquer outra origem.

A forma de se obter as informações com a fonte é através da entrevista, que, segundo Lage, pode ser dividida em ritual (o ponto de interesse está mais centrado na exposição da voz, da figura do entrevistado, do que o que ele tem a dizer), temática (aborda um tema), testemunhal (o relato do entrevistado sobre algo de que ele participou ou a que assistiu) e profundidade (o que interessa é a figura do entrevistado). Nilson Lage (2006, p. 79) dá orientações para ajudar o jornalista na hora de fazer uma entrevista: não confiar só no equipamento, "porque equipamentos enguiçam", por isso o jornalista deve anotar palavras chaves, indicando os principais temas na sequência que ocorreram. Fazer uma pesquisa para ter uma ideia do que vai perguntar e saber perguntar sobre a resposta.

O jornalista deve sempre estar se orientando pela ética de sua profissão e saber que, assim como ele tem direitos, como o sigilo da fonte, existem coisas que não são permitidas e devem ser respeitadas. Supostos desafios éticos fundamentam-se na tese radical de que a divulgação de um procedimento é capaz de induzir pessoas a reproduzi-lo. Por esse critério, não se divulgam suicídios, para evitar que as pessoas, por imitação, se suicidassem, nem roubos ardilosos, para impedir que o ardil fosse reproduzido. O autor deixa claro que jornalistas não podem ser éticos sozinhos, se, por exemplo, as empresas e as fontes de informação não o são.

Nilson Lage ressalta que o jornalista obtém uma reportagem completa através da pesquisa.

É comum quem pensa em reportagem negligenciar a pesquisa. A imagem corriqueira do repórter é a de alguém que depende de fontes e sem acesso às fontes das fontes – isto é, aos documentos primários de que se origina a informação levada ao público. No entanto, todo repórter, confrontando-se com assessores de imprensa e entrevistados, já sentiu o desejo de ir adiante, fuçar papéis e arquivos em busca de verdade mais completa, menos tendenciosa ou mais conforme o desejo de saber do público (LAGE, 2006, p. 133).

A internet, hoje, é o meio mais utilizado pelos jornalistas como forma de pesquisa, mas um obstáculo é a confiabilidade: não se sabe se o que está na internet é verdadeiro, se resulta de um trabalho sério, de mera especulação ou fantasia. Outra forma de pesquisa é através de bancos de dados, dispositivos que permitem armazenar, de maneira ordenada, grande volume de informações, em forma de números, textos, fotografias, gráfico etc. Os bancos de dados permitem ganho de tempo, qualidade das informações e consequentemente do texto.

Uma das chaves é saber perguntar sobre a resposta. Em geral, as pessoas discorrem com fluência sobre aquilo que conhecem. Relutâncias inesperadas cortando o fluxo de uma exposição, silêncios, denominações vagas, particularmente quando coincidem com desvios de olhar e certos movimentos das mãos, indicam que se tangenciam questões sensíveis, por algum motivo. [...] Outra chave é manter o comando da conversa, impedindo que ela se desvie do tema (LAGE, 2006, p.80).

Lage apresenta suas técnicas de reportagem e entrevista, mas, além de tudo, esclarece que a profissão do jornalista é muito mais que apenas isso.

CAPÍTULO II

ESTRUTURA DA REPORTAGEM

INTRODUÇÃO

A reportagem tem como início o depoimento principal, da Clarice Lopes, e introduz a temática principal, que é o jornalismo participativo. Aproveitamos ainda para apresentar a diferença do receptor no decorrer dos anos, que deixa de ser passivo e passa a participar do jornal.

PARTICIPAÇÃO NA HISTÓRIA

Cuiabá possui em sua história uma vertente colaborativa com a instalação. Em 1839, surge o primeiro jornal impresso da capital, “Themis Mattogrossense”. Foi com a criação de outros veículos de informação que o receptor cuiabano se interessou em contribuir com o jornalismo. O espaço para o leitor surge em jornais impressos na metade do século XX.

PARTICIPAÇÃO NOS JORNAIS ATUALMENTE

A participação do leitor nos jornais impressos aumentou, mas será que esses veículos evoluíram no tempo para ampliar a voz de seu leitor?

NOVAS TECNOLOGIAS E O NOVO JORNALISMO PARTICIPATIVO

Um bloco que mostra como os veículos de comunicação se utilizam das tecnologias para manter a interação com o público, e a forma com a qual esse avanço mudou a estrutura das redações. Neste bloco, apresentamos também as novas mídias utilizadas pelo jornalismo a fim de estreitar ainda mais a relação com o cidadão.

DESAFIOS DA PARTICIPAÇÃO

No último capítulo, apresentamos os desafios existentes nessa nova forma de fazer jornalismo, tanto para o público, que sente a necessidade de ter um espaço dentro dos veículos, quanto para

os jornalistas, que dependem dessa participação e buscam se amparar em novas mídias e tecnologias para conseguir dar voz ao povo.

CAPÍTULO III

DESCRIÇÃO DAS ATIVIDADES

Não sabemos ao certo quando a ideia de se falar sobre jornalismo participativo surgiu. Só sabemos que para nós, que entramos em contato com o mercado de trabalho antes mesmo da formação acadêmica, percebemos a importância do cidadão ter voz ativa tanto nos estudos acadêmicos e científicos, quanto na prática do dia a dia.

Este trabalho teve outras roupagens. Começou com um pré-projeto abordando apenas um aplicativo de celular de uma rede de televisão de Mato Grosso e logo desacreditamos que esta seria uma boa maneira de contar a história de um jornalismo que busca a colaboração do público, já que olharíamos apenas um lado deste processo.

De lá para cá, transformamos em um novo pré-projeto, que tinha a ambiciosa ideia de buscar nas diferentes mídias – rádios, jornais impressos, TVs, revistas – referência de como se desenvolvia o jornalismo participativo. Contudo, não avaliamos que nosso espaço delimitado a Cuiabá não tinha tanta variedade de veículos que buscassem empregar essa prática. Isso nos trouxe amadurecimento enquanto acadêmicas pelos “achismos” praticados ao longo do curso, muitas vezes provenientes da falta de experiência.

Também tínhamos em nosso projeto inicial desenvolver uma reportagem multimídia, reunindo não só textos e fotos, mas vídeos, arquivos de áudio, hiperlinks e quanto mais informações pudessem caber em nossa fértil imaginação. Tivemos que ser novamente maduras ao avaliar que o tema que tínhamos em mãos era, sim, rico em conteúdo, contudo tinha mais atratividade para uma grande reportagem impressa.

Assim, buscamos as mais variadas formas contemplar o universo do jornalismo participativo praticado em Cuiabá, ainda que cheguemos à conclusão de que ele está engatinhando e há muito que ser fomentado para que se torne menos comunitário e mais diversificado.

Dentro dessa premissa, buscamos algumas fontes de pesquisa para a produção de nosso Trabalho de Conclusão de Curso.

3.1 Documentos

As fontes documentais nos deram o embasamento para entender o que era o jornalismo participativo, quais são seus sinônimos e o que se assemelha à prática. Logo, descobrimos que ainda não há consenso entre pesquisadores sobre o tema. Alguns acreditam que o jornalismo

participativo é a mesma coisa que o jornalismo cidadão e outros criticam cegamente essa versão.

Foi necessário conhecer esses diferentes estudos para identificarmos, aqui em nossa cidade, o que é jornalismo participativo. Um exemplo disso foi a decisão de não trabalharmos com o jornalismo online, já que há pouca ou quase nenhuma moderação de comentários e pouca ou quase nenhuma resposta do veículo ao questionamento de internautas.

Também foi nossa pesquisa documental iniciada ainda no pré-projeto que nos chamou a atenção para mais um fato que dificultaria nossa reportagem: não há pesquisas sobre jornalismo participativo realizadas em nosso estado. Assim, tivemos que partir para a análise de periódicos encontrados em microfilmagens no Núcleo de Documentação e Informação Histórica Regional da Universidade Federal de Mato Grosso (UFMT).

Restringimos a dois periódicos de grande circulação em Mato Grosso: *Diário de Cuiabá* e *O Estado de Mato Grosso*, que ambos já tiveram seus áureos tempos de prestígio.

Também obras como “Imprensa Oficial em Mato Grosso”, do célebre jornalista Pedro Rocha Jucá, e a pesquisa da professora aposentada, Sonia Zaramella, que conta a história do jornal impresso em nosso estado, foi de grande serventia para nosso trabalho.

3.2 Fotografias

Apesar de não dispormos de equipamento fotográfico profissional, pensamos na fotografia e na ilustração dessa reportagem como algo que nos ajude contar as histórias apresentadas e dar veracidade a todo trabalho apresentado.

Sim, entrevistamos pessoas. Mas de nada vale a imagem delas sentadas à nossa frente sendo entrevistadas, quando na verdade queremos mostrá-las em ação. Clarice, nossa personagem de abertura dessa reportagem, não poderia aparecer de outra forma, se não fosse em frente às câmeras da TV Record. Foi também o caso de um dos âncoras do telejornal *MTTV 1ª Edição*, da TV Centro América, Diego Hurtado, na matéria que citava a falta de água na região do Maringá.

Nem todas as fontes consultadas foram entrevistadas em seu local de trabalho. A jornalista Laíce Souza, por exemplo, que está à frente da Rádio Capital só pôde nos encontrar durante seu horário de almoço, em um local em que nada parece um estúdio de rádio. Contudo, sua boa vontade em nos ceder uma fotografia do comunicador Antero Paes de Barros durante um programa abrilhantou nosso trabalho.

3.3 Entrevistas

Entrevistamos algumas pessoas que nos deram uma noção do que é o jornalismo participativo hoje. A primeira delas foi uma entrevista com os âncoras do telejornal da TV Centro América, *MTTV 1ª Edição*, Marina Martins e Diego Hurtado. Pedimos essa entrevista por julgar que o aplicativo “Bem na Hora”, que é utilizado para a participação do telespectador, tem tudo a ver com as novas formas de participação, a partir da evolução da tecnologia. Não só conseguimos diversos casos de participações, como também ter contato com o app.

Também sentimos a necessidade de contextualizar o leitor sobre como acontece a participação das pessoas nos jornais de Cuiabá. Talvez essa tenha sido nossa grande dificuldade, pois o jornal *A Gazeta* trabalha com um espaço muito reduzido para o jornalismo participativo, e como já havíamos entrevistado uma das editoras da TV Record, que é do mesmo grupo de comunicação, queríamos uma alternativa. Citamos o *Diário de Cuiabá* na história e não tivemos como falar da realidade atual dele, já que a crise fez o veículo reduzir drasticamente o número de profissionais que lá trabalham e os telefones da redação não funcionam, ou seja, nenhum editor do jornal conseguimos localizar, tal o abandono da empresa.

Vimos no *Circuito Mato Grosso*, periódico semanal, uma possibilidade de falar sobre jornalismo participativo. Sandra, a editora do jornal, foi extremamente receptiva e, inclusive, nos cedeu a capa de jornal da história que contamos sobre o Lar da Criança e não foi difícil localizarmos a repórter da época, Mayla, que já era conhecida de uma de nós.

A personagem desta matéria, Clarice foi um verdadeiro achado entre as indicações de amigos repórteres que nos ajudaram nesse processo. Ela já era conhecida tanto na TV Record quanto na TV Centro América, pois costuma denunciar muitas coisas em seu bairro. Não foi difícil ir até o Parque Cuiabá e passar algumas horas conversando com a aposentada, que não fez reclamações apenas à TV, mas aproveitou para denunciar para nós, estudantes, o crescente número de gatos de sua região.

Em um certo ponto de nossa reportagem chegamos à conclusão de que não podíamos falar de jornalismo participativo, se não ouvíssemos pelo menos alguém da rádio. Historicamente, o rádio tem grande interação com o público, mas como estávamos focadas no jornalismo, tivemos que encontrar programas de rádio com conteúdo jornalístico para falarmos da participação do ouvinte. Quem melhor do que Antero Paes de Barros para falar sobre o assunto? Mas enfrentamos um contratempo: nosso pretenso entrevistado já estava comprometido com a campanha política de um dos candidatos a prefeito e, infelizmente, não dispunha de tempo para nos atender. Mas indicou sua diretora, Laice Souza, que nos recebeu sem maiores problemas.

Sentimos que falávamos de participação da população, mas só usávamos a história de uma pessoa. Precisávamos de mais gente. Em uma conversa informal com uma colega de trabalho de uma de nós, a Elaine, ela disse que foi justamente essa mania de querer opinar e ter interesse em saber mais informações de jornalistas que a fez estar ali naquele ambiente de trabalho. Enxergamos naquela história o depoimento que faltava.

3.4 Redação

Não foi um problema começarmos a escrever, pois tínhamos histórias, testemunhos e a certeza de como a participação popular no jornalismo transformaram vidas. Mas não começamos a escrever depois que tínhamos em mãos todos os depoimentos que precisávamos. Preferimos, a cada entrevista finalizada, escrever uma parte do texto.

A princípio, tentamos manter a estrutura provisória do trabalho apresentada ainda em nosso pré-projeto, mas na hora de montar o texto, percebemos alguns aspectos mais importantes e significantes do que aqueles que apontamos. Então decidimos seguir nossa intuição e nos focarmos em três aspectos: a história da participação nos jornais impressos, que acabou rendendo a análise dos jornais impressos atualmente; o surgimento de novas mídias; e a conclusão da reportagem, que consiste nos desafios que o jornalismo participativo enfrenta em Cuiabá.

3.5 Diagramação e gráficos

Apesar de termos pesquisado referências na diagramação de jornais impressos e até mesmo de trabalhos de outros alunos do curso que fizeram este mesmo modelo de TCC, contamos com o apoio da colega Joice Moraes, acadêmica do 8º semestre de Publicidade e Propaganda, para executar este projeto de diagramação.

Optamos por uma diagramação mais simples, porém não menos atrativa, observando algumas técnicas que aprendemos ao longo do curso, em especial na disciplina de Planejamento Gráfico.

De início, havíamos escolhido diversas fotos para ilustrar nossa reportagem, mas quando percebemos que ficaria poluído visualmente, decidimos nos focar nas fotos mais importantes.

Outro recurso que utilizamos foi um gráfico para ilustrar os números do “Bem na Hora”. No texto, esses dados ficariam cansativos para a leitura e foi assim que pedimos à nossa colega um auxílio para transformar essas informações em imagem.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A idealização de um trabalho é necessária para uma boa execução. Contudo, tivemos que lidar com adversidades com as quais não contávamos. O fato é que o jornalismo participativo ainda está engatinhando em Cuiabá e o que idealizamos desde o começo talvez não seja o que corresponde à realidade. Mas percebemos que os jornalistas começam a se dar conta da importância de ter a colaboração de seu público como um termômetro ou até um *feedback* e, em último caso, avaliar se este veículo se mantém no mercado.

Em contrapartida, o público enxerga no jornalismo um aliado para denunciar situações que até então não tinham solução. Mas só isso não é suficiente, e a insatisfação de Clarice, nossa personagem central, demonstra isso. Até quando ela usará a imprensa para denunciar situações que devem ser resolvidas em sua cidade?

A colaboração não fica restrita apenas a denúncias, ela vai além. O jornalismo não é onipresente e muito menos onisciente, apesar de ter um papel de vigilância do meio social. Muitas vezes a população acaba sendo os olhos deste jornalismo, mostrando situações das quais nem mesmo as autoridades competentes tem conhecimento. Mas é fato que precisa haver um equilíbrio dessa colaboração, senão a situação acaba como a professora Sonia Zaramella nesta reportagem descreveu, como um verdadeiro comodismo do jornalista.

Antes de iniciar essa reportagem tínhamos a intenção de responder uma pergunta sem resposta: “Esse jornalismo participativo praticado hoje é suficiente?”. Ambiciosa a proposta, mas como respondermos uma pergunta tão subjetiva, quando nossa intenção não era trabalharmos com pesquisa quantitativa, e sim trazermos histórias de como o jornalismo participativo mudou o status quo?

No caso das denúncias ocorridas no Lar da Criança citadas nesta reportagem, o Estado não cumpriu com seu papel de cuidar de crianças em situação de vulnerabilidade social, mas o jornalismo, por meio de seu poder, estampou capas de jornais para mostrar a realidade que poucos sabiam. Mas de onde saiu a informação a que poucos tinham acesso? Do público. Por isso é chegada a hora dos jornalistas se atentarem de que seu público pode ser aliado e de que o cidadão só quer ter vez e voz no jornalismo. Além disso, notamos um grande déficit no que diz respeito à relação do jornal impresso com as nossas mídias sociais que fazem essa ponte entre o público e a produção jornalística em si.

Enquanto a televisão e o rádio mantém uma relação estreita entre o público por meio de aplicativos e novas tecnologias, o jornal impresso, ainda que utilize outros métodos, continua com uma barreira maior por não ter se adaptado ao novos aparatos. Sugerimos que os jornais

impressos adquiram versões online e se adaptem às redes sociais. Entendemos que para que é necessário acompanhar os avanços tecnológicos, para, além de proporcionar maior interação do público, o jornal mantenha-se em circulação.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- AROSO, Inês Mendes Moreira. **As redes sociais como ferramentas de jornalismo participativo nos meios de comunicação regionais: um estudo de caso.** Portugal, Universidade da Beira Interior, 2013.
- BECKER, Beatriz; Maldonado, Oscar Martín (2011). Reconfigurações da mediação jornalística na contemporaneidade: Processos colaborativos de construção de notícias no CNN iReport&NowPublic. **Estudos em Comunicação** (Escola de Comunicação da Universidade Federal do Rio de Janeiro), n.09, pp. 197-222.
- BELTRÃO, Felipe Barros. **A comunicação colaborativa na Internet: o caso do Overmundo.** Anais do IX Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação da Região Nordeste, Intercom, 2006.
- BRUNS, Axel. Gatekeeping, gatewatching, realimentação em tempo real: novos desafios para o Jornalismo. **BrazilianJournalismResearch**, Brasília, n. 11, 2011.
- CANAVILHAS, João (2010). Do gatekeeping ao gatewatching; o papel das redes sociais no ecossistema mediático. **III Congreso Internacional Comunicación 3.0.** Salamanca, 2010.
- CANAVILHAS, João. **Notícias e Mobilidade: Jornalismo na Era dos Dispositivos Móveis.**Covilhã, Livros LabCOM, 2013.
- CORRÊA, Elizabeth Saad. MADUREIRA, Francisco. Jornalista cidadão ou fonte de
- CORREIA, João Carlos (2004). **Comunicação e Cidadania** – Os media e a fragmentação do espaço público nas sociedades pluralistas. Coleção Media e Jornalismo, Lisboa. 248p.
- COUCEIRO, Rui.**Jornalismo e cidadãos em interação: estudo de caso da rubrica Nós por Cá.**2008,p. 173-190,Dissertação (Mestradoem Comunicação e Sociedade,)- Universidade do Minho,Braga.
- FIDALGO, Joaquim. (2004). **Em Nome do Leitor.** As Colunas do Provedor do “Público”. Coimbra, vol. 7, 2005, pp. 258-260.
- HOLANDA, André; QUADROS, Cláudia; Silva, Jan Aline Barbosa; PALACIOS, Marcos (2008). Metodologias de Pesquisa em Jornalismo Participativo no Brasil. **BrazilianJournalismResearch**, v. 1, n. 01, pp. 57-76.
- INFORMAÇÃO: estudo exploratório do papel do público no jornalismo participativo dos grandes portais brasileiros. **Estudos em Comunicação**, n. 7, v. 1, p. 157-184, 2010.
- KOTSCHO, Ricardo. **A Prática da Reportagem.** Atlas, 2000, pp. 40-75
- LAGE, Nilson. **A Reportagem: teoria e técnicas de entrevista e pesquisa jornalística.** 6ªedi. Rio de Janeiro, RJ. Editora Record, 2006. p. 60-190

- MALINI, Fabio, **Modelos de colaboração nos meios sociais da internet: uma análise a partir dos portais de jornalismo participativo**, Anais do XXXI Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, Natal, 2008.
- MATHEUS, Leticia Cantarela. O leitor e o cotidiano na história do jornalismo. **Revista Eletrônica do Programa de Pós-Graduação em Mídia e Cotidiano**. Niterói: UFF. Número 1, p. 44-59, janeiro/abril 2013.
- MEDINA, Cremilda de Araújo. **Entrevista: O Diálogo Possível**. Ática, 1986, pp. 40-80
- MELO, José Marques de. **A Opinião no Jornalismo Brasileiro**. Petrópolis, 1985.
- MENDES, Larissa de Moraes Ribeiro. Do leitor para a web e da web para o impresso: dilemas do jornalismo participativo no Globo. **Galáxia (PUCSP)**, v. 9, p. 311-328, 2009.
- MORAES, Adriana Teixeira de. **Participação popular e os valores notícia no telejornalismo: interação e cidadania**. 2012. 151 f. Dissertação (Mestrado em Comunicação) - Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2012.
- MORETZSOHN, Sylvia. (2006). **O mito libertário do “jornalismo cidadão”, Comunicação e Sociedade – Jornalismo e Internet**, vol. 9-10, Universidade do Minho, Braga: Campo das Letras, pp. 63-81.
- PENA, Felipe. **Teoria do Jornalismo**. São Paulo, 2005.
- PRIMO, Alex ; TRÄSEL, Marcelo Ruschel . Webjornalismo participativo e a produção aberta de notícias. **Contracampo (UFF)**, n. 14, p. 37-56, 2006.
- PRIMO, Alex ; TRÄSEL, Marcelo Ruschel . **Webjornalismo participativo e a produção aberta de notícias**. Contracampo (UFF), v. 14, p. 37-56, 2006.
- ROCHA, Jorge; Brambilla, Ana Maria. **Comunicação relacional e as mediações possíveis no Jornalismo Colaborativo**, Anais do VII Encontro Nacional de Pesquisadores em Jornalismo – SBPJor, São Paulo, 2009.
- RODRIGUES, Catarina. **Jornalismo participativo: Tecnologia, Comunicação e o Papel do Jornalista**. 2013, 402 p. (Doutorado em Ciências da Comunicação) - Universidade da Beira Interior Faculdade de Artes e Letras.
- RODRIGUES, Catarina. **Novas fronteiras do jornalismo: comunicação individual na era global**. Anais do I Congresso Internacional de Ciberjornalismo, Universidade
- SAVI, Rafael. **Utilização de Ferramentas Interativas em Jornalismo Participativo: uma análise de casos de blogs, wikis, fóruns e podcasts em meados da primeira década do século XXI**. 2007, 152 p. Dissertação (Mestrado em Engenharia e Gestão do Conhecimento) – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis.

SCHERER, M. E. G.; SCHIESTL, Saraga. Jornalismo participativo: o leitor como elemento ativo nos sites noticiosos. **Linguagens Revista de Letras, Artes e Comunicação (FURB)**, v. 3, p. 271-295, 2010.

STUMPF, Ida Regina C. Pesquisa bibliográfica. In: DUARTE, Jorge; BARROS, Antonio (org.). **Métodos e técnicas de pesquisa em Comunicação**. São Paulo: Atlas, 2005.

TARGINO, Maria das Graças. **Jornalismo cidadão: informa ou deforma?** Brasília: Ibict; UNESCO, 2009. 258 p. Disponível em: <http://unesdoc.unesco.org/images/0018/001823/182399por.pdf>. Acesso em: 10 mar. 2016.

ZARAMELLA, Sonia Maria Duarte. **A comunicação em Mato Grosso – um panorama do jornal, do rádio e da televisão pós-divisão do estado**. São Paulo: ECA, 2000. (Dissertação de Mestrado).

Jornalismo participativo: a vez e a voz do cidadão

Ana Paula dos Santos e Julia Oviedo

“**H**á mais de 60 dias, um esgoto corre a céu aberto no terreno de um posto de saúde localizado no bairro Parque Cuiabá”. Esta foi a chamada para mais uma notícia do programa MT Record, exibido pela afiliada da TV Record em Mato Grosso, em horário nobre. Clarice Lopes costuma assistir ao programa, não só porque gosta de saber o que é notícia na cidade, mas porque, em algumas ocasiões, viu seu próprio rosto na televisão, tenso por mais uma denúncia de situações que poderiam ser evitadas, se o poder público tomasse providências.

Geralmente é assim: o que Clarice vê de errado na cidade, ela reclama. Outro dia andava pelas ruas de seu bairro, o Parque Cuiabá, onde mora há mais de 20 anos, e o entulho amontoado na calçada não permitiu que ela passasse por ali. Sua primeira reação: tirar satisfação com o proprietário da casa. Se caso sua atitude não resolvesse o impasse, a próxima providência seria acionar a Prefeitura de Cuiabá. Mas nem sempre isso é suficiente, e foi assim que a aposentada descobriu que a imprensa podia dar visibilidade a denúncias que até então haviam sido ignoradas.

A praça logo em frente à sua casa era um espaço abandonado, marcado pelo acúmulo de lixo, frequentado por usuários de drogas, o que aumentava a sensação de insegurança de Clarice e de seus vizinhos. Denunciou em todos os órgãos possíveis. E quando já tinha perdido a esperança, uma “zapeada” na TV trouxe a solução: chamar uma equipe de reportagem para mostrar a situação.

Foi só assim que ela e os outros moradores, que também deram entrevista, conseguiram que a prefeitura olhasse com preocupação para a praça abandonada. E, dessa iniciativa, surgiu a ideia de chamar a TV todas as vezes que ela chegasse à conclusão de que o problema não seria resolvido facilmente. Assim, ficou conhecida na região por ser a moradora que chama a equipe de reportagem para denunciar. No caso da reportagem do posto de saúde, usuários do local foram até a casa de Clarice pedir que ela denunciasse o esgoto correndo a céu aberto.

Mais uma vez, o dia foi salvo por ela. “Eu me sinto até certo ponto privilegiada, porque se as pessoas estão procurando, elas também estão se incomodando”. Assim como Clarice, todos os dias a imprensa cuiabana recebe inúmeras denúncias, críticas, opiniões, sugestões de pauta e conteúdo sugerido por um público ávido por respostas.

Uma das primeiras teorias da comunicação, a Teoria Hipodérmica, também conhecida como

Teoria da Bala Mágica, entendia o receptor como alguém passivo, que recebia a mensagem lançada pela mídia. Não precisaria nem de um estudo aprofundado do público que consome essas mídias atualmente para concluir que este público está longe de ser passivo. Cada notícia veiculada, cada artigo publicado, gera uma reação diferente nas pessoas, e muitas vezes a resposta se dá por meio de uma opinião ou reclamação. Atentos a isso, os veículos de informação passaram a levar em consideração a opinião de seu público.

Jornalismo participativo, colaborativo ou até open source são termos que se referem a uma nova realidade: o cidadão participa da produção do jornalismo. E isso pode acontecer das mais

sem saber disso.

Diferente do Brasil, que teve o apoio e o custeio integral da tipografia por parte da Coroa Portuguesa, fase conhecida como da Imprensa Régia, Cuiabá só conseguiu adquirir uma tipografia graças à participação popular no ano de 1838. Apesar de contar com a contribuição financeira da população para a aquisição, a tipografia e o uso dela acabou ficando vinculada à Assembleia Provincial de Mato Grosso, mas nem por isso deixou de ter uma vertente colaborativa.

Da mesma maneira aconteceu com a inauguração da primeira televisão aberta em Cuiabá, a TV Centro América, em 1969. Um dos pré-requisitos para a implantação do canal era de que a cidade teria que contar com pelo menos 1.500 televisores. Assim, a população foi convocada a adquirir previamente esses aparelhos, por meio de uma campanha publicitária em rádio e jornal, com mensagens que incentivavam os cuiabanos a comprar os aparelhos quase como um dever cívico.

Para a jornalista, Mestre em Ciências da Comunicação (ECA/USP) e professora aposentada do curso de Comunicação Social da Universidade Federal de Mato Grosso, Sonia Zaramella, a participação do público cuiabano teve

destaque no surgimento da imprensa e não no conteúdo jornalístico, o que só viria a acontecer anos depois. “A perspectiva de participação insere-se na implantação da imprensa, não no jornalismo em si, ou seja, na produção de conteúdo dos veículos, ou no que se entende como jornalismo participativo dos tempos atuais”, explicou Sonia

O primeiro jornal cuiabano foi lançado em 14 de agosto de 1839 e ficou conhecido como o Themis Mattogrossense. O periódico possuía um formato semelhante ao tabloide, além de ter quatro páginas destinadas a informes oficiais. Contudo, teve breve periodicidade e parou de circular menos de um ano após ser lançado.

Os anos que se seguiram trouxeram inúmeros outros impressos em Cuiabá: o Cuyabano Oficial, a Gazeta Cuyabana, o Echo Cuiabano, o Noticiador Cuiabano e a Imprensa de Cuiabá. Nestes dois últimos começa a se observar uma tendência mais reflexiva a respeito da política em Mato Grosso, inclusive com posições de oposição ao governo. Mas também uma tendência ao estilo literário chama atenção, porque até então os jornais cuiabanos destinavam suas páginas aos informes oficiais.



variadas maneiras, com as mais diferentes ferramentas: telefone, e-mail, mídias sociais, aplicativos de smartphones, enfim, todos os dias são criadas novas formas de trazer o público para dentro do jornalismo. Mas será que esta é mesmo uma nova forma de se fazer jornalismo?

“ Eu me sinto até certo ponto privilegiada, porque se as pessoas estão procurando, elas também estão se incomodando”

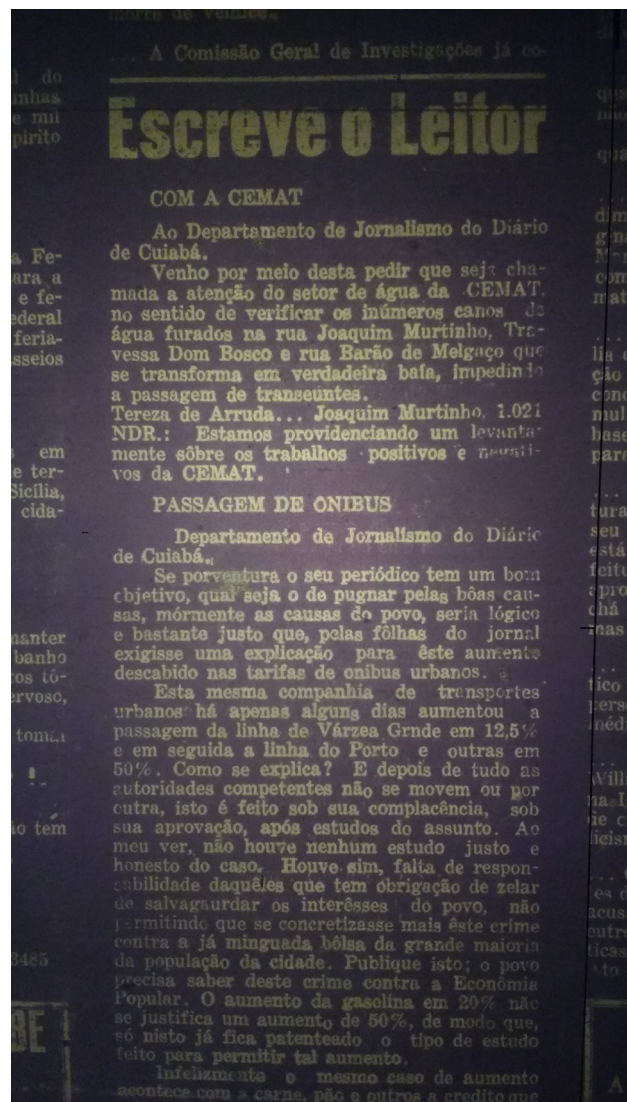
Clarice Lopes

Participação na história

Para entender um pouco do atual contexto dessa forma de se fazer um jornalismo mais inclusivo, é necessário voltar alguns séculos para entender porque Cuiabá já possuía uma veia colaborativa,

A Guerra do Paraguai, que ocorreu entre 1864 e 1870, trouxe aos periódicos cuiabanos um estilo mais noticioso dos fatos, assim como a Proclamação da República, que fomentou os ideais republicanos nas páginas dos jornais. Contudo, é importante lembrar que mesmo os jornais mais populares da época ainda não tinham grande participação do leitor, já que a taxa de analfabetismo no final do século XIX ainda era grande.

As primeiras participações do leitor foram observadas tempos depois. O jornal O Estado de Mato Grosso, fundado em 1939, foi um dos periódicos que mais dedicaram suas páginas à participação



Coluna do Diário de Cuiabá em 1969

do leitor cuiabano. Primeiro em breves notas na coluna social e depois por meio da coluna “Coisas da Cidade”, para a qual leitores mandavam sugestões, críticas e opiniões acerca dos assuntos de interesse da população. Contudo, esta coluna não aparecia em todas as edições. O Estado de Mato Grosso foi um dos jornais com maior periodicidade, tendo sua última edição publicada em 1996.

Diferente da maioria dos periódicos da época, o Diário de Cuiabá, já em sua primeira edição, datada em 24 de dezembro de 1968, trazia uma linguagem mais acessível e mais aproximada do leitor. Uma prova disso é a coluna “Aviso ao Leitor”, que fazia uma breve apresentação do periódico e informava o período de testes pelo qual o jornal passaria. Também trazia personagens em suas matérias, como é o caso da reportagem “Campo de Concentração em Mato Grosso”, que falava sobre trabalho escravo e, inclusive, entrevistava um trabalhador resgatado.

Mas a forma efetiva de participação do leitor no Diário de Cuiabá aconteceu com as primeiras colunas do “Escreve o Leitor”, criada em 1969. Geralmente eram reclamações relacionadas ao fornecimento de energia, de água e do aumento da tarifa de transporte público, assuntos que, inclusive, até hoje incomodam a população e estampam as colunas destinadas ao leitor. O Diário de Cuiabá é um dos poucos periódicos que se mantém funcionando há um longo período de

tempo.

Hoje, os problemas são de ordem financeira, pois sua diretoria não soube como se manter e preservar a qualidade do conteúdo ao longo dos anos. Mas ainda dedica uma coluna especialmente ao leitor, conhecida como “Carta do Leitor”, que ocupa um nobre espaço próximo ao editorial e às charges do dia. A coluna é exclusivamente opinativa, quase sempre comentando as manchetes do periódico.

“É só irem às câmaras de vereadores das cidades do estado e na Assembleia Legislativa, que o número deverá aumentar consideravelmente”, é a opinião do leitor Moises Mel em resposta à matéria “Mato Grosso deveria ter o dobro de presidiários”. A participação saiu na edição nº 14.579 do Diário de Cuiabá, nesta mesma “Carta do Leitor” em que o periódico abre as portas a seu público.

A participação nos jornais impressos nos dias de hoje

A quarta-feira mal começou, mas a redação já tem um burburinho digno de deadline: é dia de fechamento de edição do semanário Circuito Mato Grosso. O periódico está na lista dos mais recentes jornais impressos de Mato Grosso, com 12 anos de mercado e pouco mais de 600 edições. Mas a iniciativa de contemplar o leitor em suas páginas é algo do qual a editora do jornal, Sandra Carvalho, costuma se gabar. “O Circuito exerce um papel social muito forte, que é o de defender bandeiras sociais, lutas dos setores organizados da sociedade e de trazer retorno para a coletividade”, explicou a jornalista.

Mas se existe um espaço destinado exclusivamente ao leitor nessa nova maneira de se fazer um jornal impresso, este local ganha o apelido de “Boca no Trombone”, que nada mais é do que uma “Carta do Leitor” dos dias atuais, com uma pitada de denúncia que envolve os mais variados assuntos.

“O semáforo instalado no cruzamento com a Rua Comandante Costa não tem contagem regressiva. Se o trânsito é pesado, quem desce a avenida passa no sinal verde, mas PARA NO CRUZAMENTO. AÍ É MULTADO! Somos habilitados aqui há mais de 40 anos e toda semana recebemos multa dessa roubaheira”. O relato do leitor Cezar Lima é apenas um da média de cinco “tromboneiros” que compõem a edição semanal. Reclamações sobre a falta de água, a péssima condição do asfalto, os crescentes núme-

cidadão.

Sandra afirma que a participação da população não fica restrita apenas às primeiras páginas do jornal, especificamente no “Boca no Trombone”. “Trazendo isso para dentro das matérias do jornal, a gente não publica nenhuma matéria sem ouvir o povo. Mesmo que seja um assunto complexo, as pessoas têm que falar”, garante a editora.

E o maior exemplo de contribuição, segundo Sandra, foi uma denúncia que partiu de servidores do Lar da Criança, instituição de acolhimento a crianças e adolescentes em situação de vulnerabilidade social, localizada no bairro Bandeirantes, em Cuiabá. Na ocasião, a então repórter do jornal Mayla Miranda foi apurar uma suspeita de superlotação da unidade, maus tratos e dispensa de licitação no valor de R\$ 5,2 milhões para a contratação de 150 funcionários para o local. “Foi um trabalho de formiguinha”, contou Mayla. Desde a checagem dos registros de todas as empresas que atuavam com a contratação de funcionários em contratos com o Governo do Estado, até a constatação de que a empresa vencedora funcionava na casa da proprietária e a triste realidade de que 120 crianças viviam em condições precárias, dormindo em colchões, utilizando as mesmas roupas, além de pelo menos 20 fugas terem sido contabilizadas na época.

Todas as descobertas da real situação da unidade renderam inúmeras outras denúncias e, consequentemente sete capas de jornais ao todo, até chegar ao Ministério Público de Mato Grosso, que iniciou uma severa investigação do caso. “Esse sucesso de apuração da situação do Lar da Criança resultou em mais denúncias para o jornal, a gente acabou sendo procurado para isso. Então, é uma ferramenta realmente importante essa participação popular, para que o jornalista se atente a questões que passam despercebidas”, completou Mayla.

O estilo de participação dos jornais impressos da década de 60 em Cuiabá permanece vivo nas páginas dos periódicos que ainda se mantêm firmes no mercado. O jornal A Gazeta, do Grupo Gazeta de Comunicação, por exemplo, costuma destinar pouco espaço para a participação do leitor. As enquetes, que são opinativas, também podem ser conferidas próximo ao editorial. Os assuntos? Dos mais variados: política, economia, violência, transporte público e até mesmo o assunto mais abordado neste ano, as eleições municipais.

O surgimento e a popularização da internet traziam uma previsão não muito otimista em relação aos jornais impressos. Muitos diziam que essa mídia iria acabar, mas muitos deles tiveram que se adequar ao mundo digital e alguns escolheram funcionar online, como é o caso do Jornal do Brasil. Mas o fato é que a participação do leitor também sofreu algumas mudanças no ambiente digital. Como vários impressos investiram no website, muitas vezes os comentários podem ser feitos não só nas páginas dos jornais, mas em tempo real nas matérias do site.

Ainda assim, os jornais impressos de Cuiabá não se diferenciam muito do modelo praticado décadas atrás. Já outras mídias estão investindo em novas maneiras de dar voz ao cidadão.

Novas tecnologias e o novo jornalismo participativo

A falta de água na região do Maringá, em Vár-

“Então, é uma ferramenta realmente importante essa participação popular, para que o se atente a questões que passam despercebidas”

Mayla Miranda

ros de casos de violência urbana e tantos outros assuntos que, na maioria das vezes, indignam o



Foto: TV Centro América

zea Grande, se estende por pelo menos 20 anos. A denúncia chegou até a redação da TV Centro América, afiliada da Rede Globo em Mato Grosso, a partir da manifestação de inúmeros telespectadores. Uma reportagem com um viés comunitário, muito comum no telejornal MTTV 1ª edição, estava pronta para ser realizada.

Assim, o apresentador e editor do telejornal, Diego Hurtado, foi conferir de perto a falta d'água no local. Conseguiu entrevistar cinco moradores que denunciaram o caso por meio do aplicativo “Bem na Hora”. Nas casas que visitou, Diego constatou que, quando não era apenas um filete de água, algumas torneiras não tinham uma gota sequer.

Como já acontece em casos semelhantes, a equipe da TV Centro América acompanhou a conclusão do caso, colocando, inclusive, prazos para que os moradores do bairro tivessem uma resposta. E a solução de um problema de 20 anos era a mais simples possível: a troca de um registro de água. Pelo menos 20 mil cidadãos tiveram o abastecimento normalizado com a denúncia dos telespectadores e a cobertura jornalística.

Todos os dias, a equipe de produção da Centro América recebe pelo menos 300 mensagens semelhantes pelo aplicativo “Bem na Hora”. São denúncias, reclamações, comentários e opiniões dos mais variados assuntos, mas que em sua maioria abordam a falta de água, a péssima condição do asfalto, a falta de iluminação pública e outros assuntos de interesse coletivo.

O aplicativo é um software móvel, criado em março de 2014 pela equipe de Tecnologia da Informação da Rede Mato-grossense de Televisão, que pode ser baixado gratuitamente em smartphones que possuem sistema operacional iOS ou Android. O aplicativo permite a colaboração de qualquer usuário para compartilhamento de fotos, vídeos ou sugestões de pauta em tempo real, necessitando do uso de internet para envio do material.

Assim como a evolução da tecnologia mudou a estrutura das redações, o jornalismo também teve que se adequar a uma nova realidade para ouvir o que o seu público tem a dizer. No caso da TV Centro América, o “Bem na Hora” substituiu as formas de colaboração do telespectador. Não quer dizer que o cidadão não consiga ter acesso a um telefone da redação, mas para a editora-chefe e apresentadora do MTTV 1ª edição, Marina Martins, o aplicativo deu mais celeridade no processo de participação do público. “É claro que casos como esse chegariam de alguma maneira até a gente via telefone, via e-mail ou alguém que conhece alguém, mas o aplicativo facilita e agiliza muito esse processo, esse caminho entre nós e a população”.

Há que se acrescentar nessa nova forma de participação do telespectador a interatividade como parte fundamental do Bem na Hora. Marina Martins lembrou de um acidente ocorrido na Serra de São Vicente, em Santo Antônio de Leverger, a 70 km de Cuiabá, que envolveu três carretas. Como o fato aconteceu muito próximo à abertura do telejornal, que é exibido entre 12 e 12h45, no mo-

mento a equipe só possuía uma nota com poucas informações, apenas com a confirmação de que o tráfego estava parado na rodovia.

Logo após a nota, Marina contou que as pessoas começaram a mandar fotos, vídeos e relatos de como estava a situação no local. Se fosse em outros tempos, o processo deveria ser mais lento, visto que o vídeo teria que ser mandado por e-mail, aberto por alguém da produção durante a exibição do jornal e que até chegar nas mãos dos apresentadores poderia levar mais tempo.

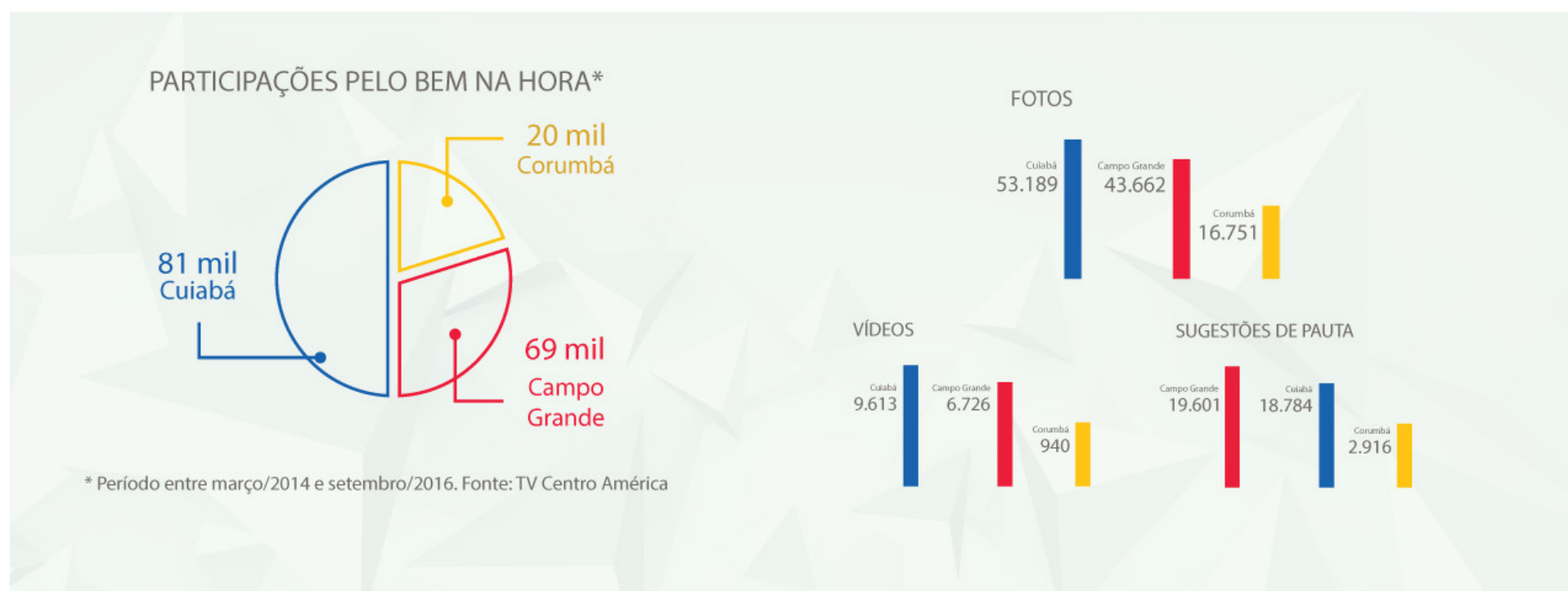
O uso de tablets no estúdio pelos âncoras do jornal foi fundamental para que essa interação com o público e a instantaneidade da participação acontecesse. No caso do acidente na Serra de São Vicente, os vídeos e fotos chegaram direto às mãos dos apresentadores, que no segundo bloco do telejornal já puderam exibir o material.

E os apresentadores são unânimes em dizer: quanto maior a “provocação” ao telespectador, maior a participação dele durante o telejornal. Em um dia considerado normal, sem nenhuma campanha ou ação que desperte a participação do público, os âncoras recebem em média 30 mensagens do “Bem na Hora”, durante os 45 minutos de exibição do telejornal. Já quando é solicitada a colaboração, este número pode chegar a 70 participações. Obviamente, grande parte dessas mensagens não vai ao ar. “Quanto mais a gente dá visão, quanto mais a gente dá voz e a gente mostra a mensagem, cita o nome, diz que recebeu pelo “Bem na Hora”, faz a reportagem, mais a gente recebe deste público”, explica Marina.

A receita parece ter dado tão certo que Cuiabá é a filial da Rede Matogrossense de Televisão que mais recebe mensagens pelo aplicativo, batendo até mesmo a capital vizinha Campo Grande.

Se o “Bem na Hora” é visto como case de sucesso pela própria emissora, os âncoras do telejornal admitem que ainda há falhas em todo o processo. A falta de um profissional especializado na moderação do que pode ser útil ou não para o jornalismo da TV Centro América afeta não só a qualidade do que é produzido, porque poderia se utilizar de inúmeras fontes para o mesmo assunto, como também é um aplicativo menos utilizado que o WhatsApp, por exemplo.

O aplicativo de mensagens instantâneas acabou se tornando uma nova forma de comunicação em todo o mundo. Em 2015, o aplicativo chegou a incríveis 1 bilhão de downloads somente no sistema Android. Contudo, o WhatsApp é apenas





Antero entrevistando o dep. estadual Emanuel Pinheiro

um serviço de mensagens instantâneas, e não um produto direcionado ao jornalismo participativo, como no caso do “Bem na Hora”. Mas é exatamente por inúmeras pessoas terem acesso ao app que os veículos de informação começaram a utilizar para encorajar a colaboração de seu público.

Um exemplo disso é a utilização do aplicativo na TV Record de Mato Grosso, que disponibiliza um número de celular exclusivamente para a participação do telespectador, como é o caso do quadro “Tô na Bronca”, do programa Cadeia Nelas, líder de audiência do horário. Segundo a editora da TV Record, Verônica Rakel, a novidade tornou o contato com o público mais rápido e dinâmico. “Uma opção para o telespectador é o envio de fotos ou vídeos com as informações. Muitas vezes nós não temos como fazer a reportagem, mas não deixamos de mostrar a situação por causa disso. Utilizamos as fotos e vídeos nos telejornais”, contou Verônica. Neste caso, o cuidado é redobrado na hora de checar as informações que chegam, isso porque os grupos de WhatsApp costumam receber inúmeras fotos e vídeos de situações que não ocorreram ou que aconteceram há muito tempo.

Como editora do MT Record, Verônica lembra de uma situação específica em que a participação de um telespectador foi fundamental para que o noticiário da TV não deixasse de mostrar, com imagens, o que estava acontecendo. Era junho deste ano, quando as visitas à Penitenciária Central do Estado foram suspensas devido à greve dos agentes penitenciários. De dentro da prisão, detentos ordenaram um ataque a pelo menos três ônibus coletivos na capital, que foram incendiados.

Era exatamente dessas imagens que o noticiário da TV Record precisava, pois, no momento dos ataques, os repórteres de plantão não conseguiram chegar a tempo de registrar o ocorrido. Por meio da participação de um telespectador, um vídeo amador seguido de nota foi o furo de reportagem que a TV precisava naquele momento.

Da mesma maneira acontece com fatos ocorridos no interior. Como a TV Record transmite os telejornais para todo o estado, a cobertura jornalística no interior pode ficar prejudicada porque muitas vezes as matérias demoram a chegar. “Para não deixar de dar a informação, não só o cidadão participa, mas os próprios repórteres nos encaminham as fotos ou vídeos via Whats, que é muito mais prático e rápido. Hoje temos que trabalhar lado a lado com a tecnologia, e acredito que tudo vem para somar”, finalizou Verônica.

Os tempos dourados do rádio não são mais tão dourados assim. Pelo menos não em Cuiabá. Mas para o radiojornalismo chegar aonde chegou foi necessário também se abrir para novas experiências. Se antes os ouvintes participavam com entradas ao vivo na programação, por que não utilizar o recurso de gravação de voz do aplicativo Whatsapp para esta finalidade?

Assim o Jornal da Capital 1ª edição, da Rádio Capital FM, buscou dar continuidade à participação do ouvinte. Mesmo quem não possui o aplicativo em seu celular, ainda tem um número de telefone que pode participar ao vivo, como nos velhos tempos. A rádio ainda é considerada nova na capital, completando um ano em 2016.

Antero Paes de Barros é a voz do Jornal da Capital 1ª edição. Além de radialista, Antero também é jornalista, advogado e seguiu carreira política. Começou na área da comunicação como radialista esportivo no ano de 1967, na Rádio Cultura de Cuiabá. Também atuou nas Rádios Difusora, A Voz do Oeste, Gazeta e CBN Cuiabá.

Partiu de Antero, inclusive, a ideia de incluir as mensagens de voz recebidas pelo WhatsApp no programa matinal, que, além de matérias e reportagens especiais sobre jornalismo comunitário, também realiza entrevistas ao vivo sobre os mais diversos assuntos. “Se a gente leva um secretário de saúde, a gente acha interessante quando o ouvinte faz a pergunta, porque ele está tirando a demanda do dia a dia dele que nem sempre a gente sabe se acontece ou não”, pontua a diretora do programa, Laice Souza.

“Além de você ter um feedback da audiência o fato de você falar e nomear a pessoa e dar um retorno é muito importante, acho que faz toda a diferença”

Elaine Ferri

A média de mensagens via WhatsApp pode variar dependendo do entrevistado do dia. No caso da entrevista com o prefeito de Cuiabá, Mauro Mendes, que ocorreu em julho de 2016, este número chegou a mil mensagens somente durante o programa. É muito comum chegarem mensagens ao longo do dia também. Já em dias considerados “normais”, sem entrevistas de grande expressividade e menos políticas, essa média pode variar de 80 a 120 mensagens.

E mesmo com a utilização do WhatsApp, a Rádio Capital não deixa de passar um número de telefone para aqueles que não tenham smartphone ou o acesso à internet. É o caso de um morador do Distrito da Guia que já fez diversas participações do orelhão em frente ao mercado de seu bairro. “O bacana de tudo isso é que, independente se a forma de comunicação é nova ou antiga, as pessoas querem interagir, elas precisam interagir”.

Desafios da participação

“Eu me preocupo, eu denuncio, por isso gostaria de ter até mais assistência da imprensa, porque infelizmente ainda só funciona se a imprensa estiver em cima”. A personagem do início desta reportagem, Clarice, pensa que, apesar de estar sempre em frente às câmeras denunciando situações de seu dia a dia, ela quer mais. Ela quer mais do poder público para resolver as demandas de seu bairro, mas também quer mais apoio da imprensa para conquistar o que deseja.

Só que nem todos os participantes pensam assim. Para a servidora pública Elaine Ferri, a única coisa que ela sempre gostou no jornalismo era a oportunidade de contribuir com sua opinião. E foi exatamente com o programa televisivo que levava o mesmo nome de sua contribuição, programa Opinião, da TV Pantanal, que ela participava levando seu posicionamento político e sua visão de mundo. E, quando tinha sorte, recebia uma resposta no ar. “Eu acho que é um respeito com o telespectador, com a pessoa que está do outro lado. Além de você ter um feedback da audiência, o fato de você falar e nomear a pessoa e dar um retorno é muito importante, acho que faz toda a diferença”, contou Elaine.

Mas é preciso observar um aspecto importante levantado por Sonia Zaramella. Até que ponto o jornalismo participativo não pode ser uma situação cômoda para o jornalista? “Acredito que essa forte demanda participativa pode gerar acomodação do jornalista, que fica na redação esperando o relato do cidadão, com o ar condicionado ligado, como um burocrata, e não vai mais para a rua sentir o cheiro do povo, viver a realidade do coletivo como um todo, o que é a essência do seu ofício”.

Independente de quais sejam os posicionamentos das jornalistas e até mesmo do público, o fato é que o jornalismo participativo em Cuiabá caminha para se tornar de fato aberto ao público, e não tem como não destacar que a Internet e o poder das mídias sociais foram fundamentais para que este tipo de iniciativa se expandisse naturalmente até aos veículos mais resistentes a mudanças, como é o caso do jornal impresso.

É importante ressaltar o momento que vive o jornalismo em Cuiabá para se entender porque não há o investimento por parte dos veículos na participação do público e nem um olhar mais cuidadoso para isso. As redações estão cada vez mais enxutas, com poucos profissionais e muita demanda, algumas com um risco iminente de fechar, com poucas condições de trabalho. Olhar de uma forma diferente para seu público de uma maneira geral seria uma aventura perto de outras questões que a imprensa em Cuiabá vive.

Contudo, o público não quer esperar. Tem urgência para se fazer ouvir e se não encontrar no jornalismo essa abertura, Laice Souza prevê uma dura realidade. “O público tem o próprio canal de comunicação, então ele pensa ‘a rádio não quer me ouvir? Então eu vou lá no Instagram, no Facebook e coloco a minha opinião’. Se o meio de comunicação não se atentar a isso, está fadado a não ter sucesso nenhum”.

Reportagem: Ana Paula dos Santos e Julia Oviedo
Orientação: Prof. Ms. Thiago Cury Luiz
Diagramação: Joice Moraes